

produção de arsenais absurdos de armas nucleares. Está na origem do desespero que leva alguns ao suicídio, assim como está na prática do aborto e da eutanásia.

A necrofilia ou desprezo pela vida não é portanto uma doença mental limitada a casos extremos como um Adolf Hitler ou um Benito Mussolini, segundo alerta Erich Fromm com lucidez em seu livro “The Anatomy of Human Destructiveness”.

A necrofilia ou adoração da morte é alimentada pela prática do ódio e do pensamento negativo em qualquer situação. Mas esta doença mental tem cura.

Como antídoto, cabe desenvolver na prática o respeito por todas as formas de vida.

A biofilia, ou atitude de amor à vida, é alimentada pelas filosofias que ampliam a nossa afinidade pessoal com os processos vitais nos diferentes níveis da Natureza.

É recomendável portanto perceber a presença do sagrado em todas as coisas.

Cabe conversar com as estrelas e amar o cosmos infinito e ilimitado. No plano terrestre, é saudável reconhecer que somos irmãos dos sapos, das rãs, das tartarugas e dos outros animais. Somos filhos dos rios e dos oceanos. Somos membros da pequena família que é o sistema solar local. Num âmbito maior, somos todos netos da Via Láctea. Um dia saberemos um pouco mais sobre o Grupo Local de Galáxias e sobre a vida do Espírito naquele Espaço.

000

A Inteligência das Células Vivas, Vegetais e Humanas

Em seu livro “A Lei do Triunfo”, Napoleon Hill escreveu sobre a inteligência presente em cada célula orgânica:

“As células de toda vegetação, bem como as da vida animal, são dotadas de um elevado grau de inteligência.”

Em seguida, Hill menciona o impacto positivo ou negativo da nossa alimentação sobre a inteligência celular do nosso corpo:

“Pelo fato de que muitas formas animais (inclusive o homem) vivem de devorar os animais menores e mais fracos, a ‘inteligência celular’ desses animais que entram no homem e se tornam parte dele traz consigo o medo nascido da experiência de ter sido comida viva.” [1]

Da mesma forma, a literatura teosófica ensina que comer carne - isto é, devorar cadáveres de animais - é algo que embrutece o ser humano; e este embrutecimento começa pelo nível da inteligência celular.

[Clique Aqui Para Ver a Íntegra Do Artigo “Toda Natureza é Consciente”](#)

NOTA:

[1] “A Lei do Triunfo”, de Napoleon Hill, José Olympio Editora, RJ, 18ª Edição, 1997, 736 pp., ver p. 132.

Os filósofos neoplatônicos concebiam a vida como uma emanção do Uno e o retorno ao Uno. (p. 99)

* A cor branca e brilhante é (...) a cor característica dos rios do mundo superior, enquanto a cor preta e escura é a cor dos rios do mundo inferior. Os rios superiores representam o início, a aurora da nova vida, o nascimento do novo dia, e a sua cor branca [é] o símbolo da consciência diurna. (p. 102)

* A cor branca [do rio] Aqueloo reforça o simbolismo do rio como elemento ligado aos processos de passagem através dos quais se operam as transformações, e ao nascimento da nova vida. A cor branca é tanto uma cor iniciática, usada pelos neófitos nos ritos de passagem, quanto a cor da revelação da manifestação de Deus; e a vida é a sua teofania. (p.102)

Cada Rio Tem um Caráter Próprio

* Os rios parecem possuir uma personalidade própria, uma individualidade. Por isso, além de o rio ter [na Antiguidade] um deus que zelava por ele, ele mesmo era um deus, podendo adquirir a aparência que desejasse, casar com ninfas e mortais e gerar filhos. Aqueloo era o mais conhecido de todos e considerado o deus-rio mais importante e mais venerado de toda a Grécia. (p. 102)

Uroboro, a Serpente Primordial

* Aos rios eram atribuídas várias formas animais, mas eram mais frequentemente relacionados com as serpentes. A serpente tanto pode representar o conhecimento mais profundo do inconsciente quanto a emergência do conhecimento na consciência. O fato de os rios possuírem uma forma serpentina os liga simbolicamente à Uroboro, a serpente primordial, ao princípio e origem de todas as coisas, à totalidade primária. (pp. 102-103)

(Raíssa Cavalcanti)

000

Leia mais:

* [“O Poder Oculto dos Rios”](#).

* [“O Rio que Navega em Nós”](#).

* [“A Magia das Árvores”](#).

000

Ingresse no grupo do Facebook [“Árvores, Rios e Teosofia”](#).

000

A Ecologia da Alma: **Dois Poemas de Mário Quintana**



Mário Quintana (1906-1994)

A Noite Grande

Sem o coaxar dos sapos ou o cricri dos grilos
como é que poderíamos dormir tranquilos
a nossa eternidade? Imagina
uma noite sem o palpitar das estrelas
sem o fluir misterioso das águas.
Não digo que a gente saiba que são águas
estrelas
grilos...
- morrer é simplesmente esquecer as palavras.
E conhecermos Deus, talvez,
sem o terror da palavra DEUS!

A Alegria Franciscana

Rãzinha verde, tu nem sabes quanto
foi o bem que eu te quis, ao encontrar-te...
tu me deste a alegria franciscana
de não fugires ao sentir meu passo.
Tão linda, tão magrinha, pele e ossos,

decerto ainda nem comeras nada...
minha pequena bailarina pobre!
Se eu fosse bicho... sabe lá que tontos
que verdes amores seriam os nossos...
Mas, se fosses gente, iríamos morar
sob um céu obliquo de água-furtada,
um céu cara a cara - só nosso -
e aonde apenas chegasse o canto das cigarras
e o vago marulho do mundo afogado...

(Mário Quintana)

[O primeiro poema é reproduzido de “Antologia Poética”, de Mário Quintana, Ediouro, Rio de Janeiro, 113 pp., ver p. 110. O segundo poema está incluído sem título no livro “Nariz de Vidro”, de Mário Quintana, Ed. Moderna, São Paulo, 2003, 71 pp., ver p. 15.]

000

A Chave Para o Contentamento

O equilíbrio que surge do conhecimento filosófico produz uma satisfação duradoura. Para obter esta conquista, devemos adotar uma visão de longo prazo em relação à vida, esforçarmos para viver corretamente, e aprender com os nossos erros.

A Lei do Carma constitui a chave e o código que levam desde o sofrimento até a felicidade. O conhecimento da lei do universo liberta o buscador da verdade.

O pensador Robert Crosbie escreveu:

“Na realidade, a Teosofia não exagera de modo algum a importância do ‘lado árido’ da vida. Ela explica com lógica e bom senso as coisas que ocorrem; e uma vez que o ser humano entende em função de que meta a vida existe e qual é o seu verdadeiro significado (...), ele sente uma imensa confiança, uma grande esperança e alegria - e tem uma base verdadeira para este sentimento.”

[Clique para ver a íntegra do artigo “A Essência do Futuro Humano”](#)

000



Convide seus amigos para o grupo “[Árvores, Rios e Teosofia](#)”.

000

Ideias ao Longo do Caminho

Quando Melhores Tempos Chegam Até Nós, Eles Trazem Junto Diversos Incômodos



* No mundo antigo, certos animais eram vistos como sagrados. Florestas eram reconhecidas como templos. Considerava-se que os rios eram divindades dignas de toda reverência. Árvores tinham suas propriedades curativas reconhecidas, e vários fenômenos naturais eram encarados como manifestações da vontade divina.

* Em outras palavras, o mundo sagrado fazia parte da vida cotidiana. A existência humana era constantemente abençoada. Cabe hoje retomar a percepção do sagrado na existência prática do dia-a-dia, não porque tenhamos medo ou esperança supersticiosos diante dos aspectos divinos da natureza, mas porque a parte mais elevada da nossa alma percebe e está em harmonia com o que é sagrado no mundo ao nosso redor.

* A felicidade consiste, entre outras coisas, em estar em contato com a alma imortal e olhar para o mundo desde o ponto de vista do que há de eterno em nosso interior. Entre os ingredientes fundamentais do contentamento está a alegria do dever cumprido.

* O bem-estar interior, quando durável, requer um certo grau de experiência acumulada. O acervo de conhecimento prático do caminhante sensato precisa incluir um número expressivo de variadas derrotas. Os fracassos, quando vividos honestamente, são fontes inesgotáveis de lições e aprendizado. Eles abrem caminho para a vitória estável, para o contentamento e a felicidade. Estes três fatores são inseparáveis de uma postura humilde e do amor à simplicidade.

* Quando novos e melhores tempos chegam até nós, eles trazem junto diversos incômodos. Não há necessariamente muito conforto quando existe um progresso real na vida interior. Se quisermos seguir para adiante e para o alto, é preciso renunciar ao ponto em que estamos da caminhada.

* Ouvir as árvores e aprender com elas. Escutar a fala do vento. Conversar com os pássaros sem necessidade de palavras. Perceber a consciência sagrada dos rios. Celebrar as nuvens. Quem desenvolve estas práticas de modo anônimo já possui alguns dos conhecimentos básicos necessários para aprender de um verdadeiro Mestre espiritual. Cabe ainda observar as estrelas e lembrar que tudo, no universo, faz parte de um único oceano. E um aviso óbvio: é recomendável aceitar em paz o fato de ser visto como um tolo por muitos: o *efeito espelho* é inevitável.

* O pensamento otimista não depende de circunstâncias agradáveis. Não surge de vitórias fáceis. O pensamento ótimo resulta do contato interno com o que é ideal e verdadeiro.

* Quem está ligado com sua própria alma imortal também está unido ao que há de melhor no seu entorno. Este tipo de pessoa sabe dizer um firme *Não* ao que é prejudicial, porque tem discernimento, bom senso - e coragem.

* Alguns fatos são difíceis de entender. Por exemplo: através da austeridade, encontramos o contentamento. Por meio da autorrestrrição, alcançamos a liberdade interior. Pela aceitação da humildade, aprendemos a ser grandes. Com a prática da renúncia, conquistamos a plenitude.

* A renúncia é a fonte da felicidade. Uma vida simples e uma ausência de desejos egoístas são fatores essenciais na caminhada, porque ampliam a capacidade de apreciar a beleza natural da vida e provocam um contentamento silencioso e profundo diante de tudo o que nos rodeia. Cada instante contém a eternidade. O cosmo inteiro está presente em cada átomo.

* A arte de usar o recurso natural chamado “tempo” é indispensável para a ciência que permite plantar bom carma com eficiência. Investigar a Lei do Carma significa praticar a arte de utilizar corretamente o Tempo - e de empregar de modo adequado a energia vital.

* Prestando atenção às circunstâncias ao nosso redor, podemos ver que mensagem a vida trata de transmitir. Não é uma mensagem de acomodação, nem de apego à rotina. As circunstâncias difíceis não são inimigas da intuição espiritual, e é muitas vezes através delas que a Vida nos empurra pouco a pouco para uma visão mais sábia da realidade.

* Cabe resistir às circunstâncias, quando necessário, ou mesmo desafiá-las frontalmente em alguns casos. Mas na média das situações vale mais aproveitar as circunstâncias, mesmo quando são desconfortáveis. Cabe tirar proveito delas como um aluno capaz de aprender com tudo e com cada coisa.

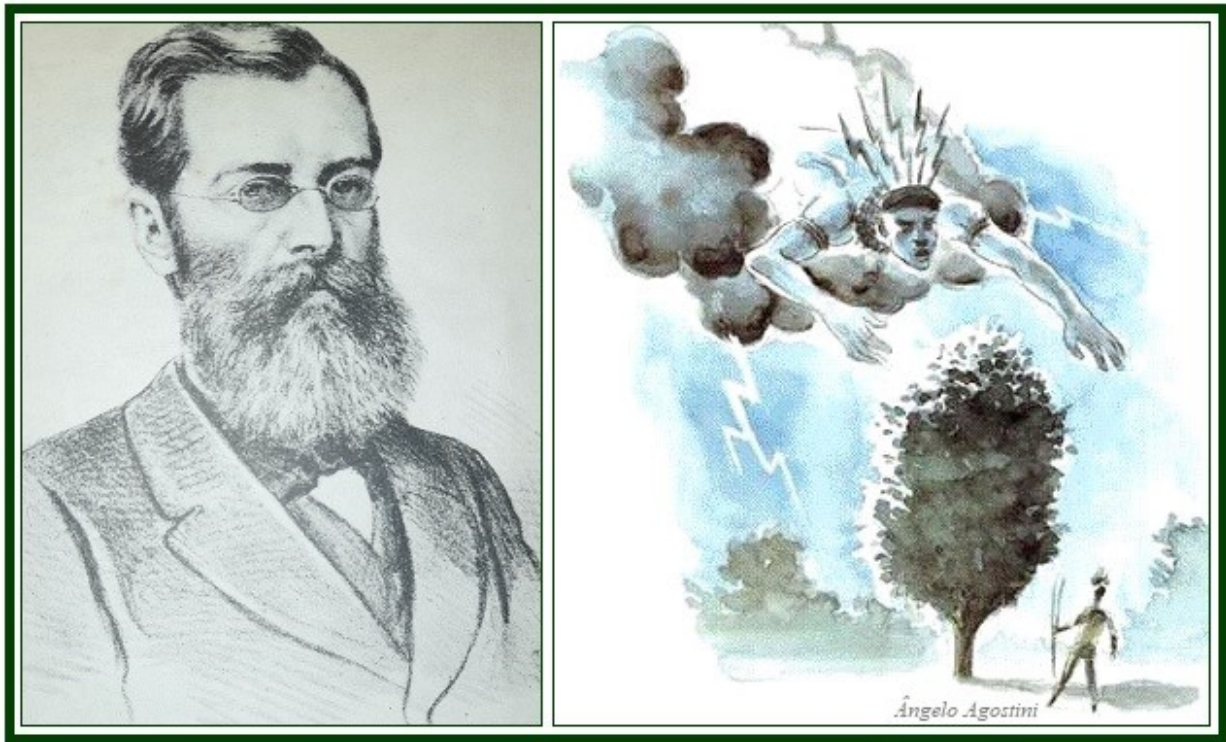
* Não há qualquer necessidade de dizer “Amém” às numerosas formas de decadência ética que nos rodeiam. Ao contrário. Mais vale dizer “Amém” ao que há de mais nobre em nossa própria consciência, e identificar e abandonar a idiotice socialmente organizada, o consenso estabelecido da ausência de ética e outras “pérolas” da modernidade tecnocêntrica.

* O egocentrismo é um pesadelo que passa. A humanidade é ocultamente guiada por sentimentos fraternos, e agora mesmo estamos todos imersos na lei da ajuda mútua. Não há poder mais forte que o poder da boa vontade.

Os Filhos de Tupã

Os Fragmentos Iniciais de um Poema Inacabado

José de Alencar



José de Alencar (em desenho de Ângelo Agostini), e Tupã, o deus-trovão

Nota Editorial de 2021:

Publicamos a seguir a parte inicial de um poema épico indianista de José de Alencar (1829-1877) que permaneceu inacabado.

Os versos de “Os Filhos de Tupã” são reproduzidos de um jornal carioca de janeiro de 1942, em plena segunda guerra mundial. Ali, mais de seis décadas depois da morte do autor, foram publicadas as dez primeiras partes do poema.¹

As partes I e II do primeiro Canto de “Os Filhos de Tupã” estão também reproduzidas em uma versão ligeiramente diferente no livro, hoje raro, “História da Literatura Brasileira”, de Sílvio Romero.²

¹ Veja o [suplemento literário](#) do jornal “A Manhã”, do Rio de Janeiro, edição de 11 de janeiro de 1942, pp. 6-7. O suplemento está disponível nos websites associados sob o título de “[José de Alencar em Jornal de 1942](#)”. (CCA)

O poema “Os Filhos de Tupã” deveria ter 12 Cantos. Em 1863, José de Alencar escreveu três Cantos completos e interrompeu o projeto depois de começar o quarto Canto.³ Havia trabalhado nele cerca de cinco meses, segundo narra na carta ao Dr. Jaguaribe que constitui um posfácio a “Iracema”. Preferiu avançar com o tema indígena em prosa, escrevendo “Iracema”, livro de 1865. O terceiro volume da trilogia, “Ubirajara”, foi publicado em 1874.

A Obra Completa de Alencar publica no seu volume IV todo o material disponível do poema inacabado.⁴ Mesmo interrompido, o projeto jamais perdeu importância para o autor. Em 1877, um mês antes da piora definitiva de saúde, Alencar tratou de revisar o texto para que fosse publicado e entregou o primeiro dos quatro Cantos, revisado, a seu amigo Félix Ferreira. “A morte surpreendeu-o revendo estas provas”, escreveu Ferreira.⁵

As três partes iniciais do Primeiro Canto de “Os Filhos de Tupã” possuem um notável valor teosófico, entre outros fatores, por conterem uma certa profecia. Chama atenção a ideia do rio como responsável pelo equilíbrio da vida no planeta, registrada na parte II do Canto:

“Dormes por todo o século dos séculos.
Mas quanto és grande mesmo adormecido!
Ruge o trovão no peito que resfolga;
Um vulcão turbilhona em teu anélito,
Se arquejas sobre o leito o céu se turva,
As nuvens se envolvem na procela;
Foge a base às montanhas que se abismam,
Treme a Terra abalada nos seus eixos.
Dorme, ó gênio das águas! Quando ao sinal
Terrível do Senhor, tu despertares,
O mundo voltará de novo ao caos.”

Este anúncio profético do caos, vinculado ao abalo da Terra em seus eixos, coloca em foco o tema da Kundalini terrestre, isto é, a energia magnética do planeta.

O assunto é abordado nos websites associados por um texto clássico de Damodar Mavalankar, que foi colaborador direto de Helena Blavatsky. Outro artigo faz uma compilação de

² “História da Literatura Brasileira”, Sílvio Romero, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1960, cinco volumes, ver volume cinco, pp. 1472 a 1474. (CCA)

³ Veja a página 53 do livro “Estudos de Literatura Brasileira e Portuguesa”, de Paulo Franchetti, copyright 2007, Ateliê Editorial, Cotia, SP. Examine a p. 151 de “José de Alencar, sua vida e sua obra”, de Arthur Motta, 1921, F. Briguiet e Cia., RJ, 307 páginas. (CCA)

⁴ “Obra Completa”, Ed. José Aguilar Ltda., Rio de Janeiro, 1960, edição em quatro volumes, ver volume IV, pp. 555-606. (CCA)

⁵ “A Vida de José de Alencar”, Luís Viana Filho, Lello & Irmão Editores, cidade do Porto, Portugal, 356 pp., 1981, ver p. 334.

informações sobre as alterações periódicas que ocorrem no eixo terrestre e nos polos magnéticos do planeta.⁶

José de Alencar fez estudos detalhados sobre as tradições da Amazônia. O seu poema sugere que quando o desequilíbrio ambiental e espiritual da Amazônia passar do limite possível, o planeta inteiro terá chegado a outra etapa da sua história geológica.

O Deus do Trovão

Cabe um comentário sobre a palavra “Tupã”, usada no título deste poema inacabado.

Tupã é o deus tupi do trovão e da tempestade. É portanto o deus da mudança súbita. Não representa um deus monoteísta, ideia que não existiu entre os indígenas brasileiros até o século 16. A transformação de Tupã no deus único todo-poderoso do Vaticano não foi obra dos indígenas. Trata-se de uma invenção europeia e artificial, promovida pelos jesuítas como parte de um esforço deformador da religião panteísta nativa, com o objetivo de enquadrar os índios no dogma do catolicismo. O ponto é esclarecido documentadamente por Alfred Métraux.⁷

O interesse teosófico e filosófico deste poema inacabado de Alencar é enorme porque, entre outros fatores, ele aponta para a teoria dos ciclos, ensinada por Helena Blavatsky.

Quando uma civilização perde a moderação e o sentido de ética, acaba o mundo tal como esta civilização conhece, e “volta o caos primordial”. A decisão neste sentido é tomada por um Senhor Deus, um patriarca universal que é uma personificação lendária da Lei do Carma, a lei da causa e do efeito. Outras imagens simbólicas da Lei são Saturno, o Ancião, o Iniciador Único.

“Os Filhos de Tupã” aborda detalhadamente o fato de que a natureza tem um caráter sagrado. A parte III do poema descreve a grande floresta e seus rios como um templo natural. Para ingressar neste santuário é preciso tirar das sandálias a poeira e a lama trazidas das cidades.

Em “O Guarani”, uma de suas obras mais famosas, José de Alencar afirma que nos templos formados pelas florestas antigas⁸, os troncos das árvores centenárias cumprem o papel de colunas. Sustentam as abóbodas do santuário, feitas de folhas verdes.

(Carlos Cardoso Aveline)

⁶ Veja “[A Ética Humana e os Terremotos](#)”, de Damodar. Leia também, em inglês, “[Change in the Poles of Our Planet](#)”. (CCA)

⁷ Veja o item “[1\) Panteísmo e Sincretismo na Origem do Brasil](#)”, do artigo “[O Brasil Universalista](#)”. Cabe registrar: a personificação de divindades cósmicas também ocorre em outras religiões além do cristianismo. Deve ser reconhecida como um recurso poético e encarada como tema de lendas populares cuja sabedoria não está sempre na superfície, nem na letra morta. A figura de um deus pessoal *monoteísta*, porém, é notavelmente artificial. E com a multiplicação das igrejas cristãs dos séculos recentes, temos um número vasto e crescente de “deuses monoteístas”. (CCA)

⁸ “O Guarani”, romance brasileiro, de José de Alencar, Parte I, Capítulo III, intitulado “A Bandeira”. O parágrafo em questão começa com as palavras “Apesar de ser pouco mais ...”. Na edição de 1967, publicada pela Editora Letras e Artes, do Rio de Janeiro, veja a metade inferior da p. 45. A edição tem 363 páginas. (CCA)

Os Filhos de Tupã

José de Alencar

Primeiro Canto - A Guerra

I

Ao deserto, minh'alma! Sobre os píncaros
Da bronca penedia, enquanto o vento
Nos antros da montanha ulula e brame,
Solta a rude pocema ⁹, o canto fero,
Dos filhos de Tupã. E ruja a inúbia ¹⁰,
Troando pela várzea os sons bravios.

II

Salve, Amazonas! Rei dos reis das águas,
Tamuí ¹¹ dos rios, filho do dilúvio!
Gigante, que o maior dos oceanos
Gerou nos flancos da maior montanha!
És origem do líquido elemento
Que circunda o universo? ¹² És tu que pejas
Dos pélagos sem fim as profundezas,
Onde matam a sede o céu e a terra?
És pai das ondas, ou tirano delas?

Colosso ingente, que fundiu nas águas
O verbo de um artista onipotente,

⁹ Pocema. Uma nota de rodapé da edição de 1942 informa que este é o grito de guerra dos tupis. O alarido do grito era acompanhado de gestos de desafio e pelo estrépito das armas. (CCA)

¹⁰ Inúbia. Trombeta de guerra dos tupis. (Nota de rodapé da edição de 1942)

¹¹ Tamuí. Herói da mitologia dos tupis; significa “o Avô” e dele descendia a grande nação dos tamoios. É o Abraão dos tupis. Mitologia ou mitos dos tupis é expressão de Humboldt - Voyage au Nouveau Continent - tome 2, p. 243. (Nota da edição de 1942)

¹² “És origem do líquido elemento que circunda o universo”. Nas tradições antigas, “o Oceano é um imenso rio que circunda o mundo terrestre”, diz Raíssa Cavalcanti no seu livro “Mitos da Água”, Ed. Cultrix, SP, p. 21. E em outro trecho da obra: “O fato de os rios possuírem uma forma serpentina os liga simbolicamente à Uroboro, à serpente primordial, ao princípio e origem de todas as coisas, à totalidade primária” (p. 103). (CCA)

A cabeça reclinada sobre os Andes
Ao céu rasgando as largas cataratas.
O dorso enorme ressupino estendes,
Pela terra que verga com teu peso;
Os cem braços, que alongas pelas serras,

Abrangem tanto espaço que outros mundos
couberam ainda, neste mundo novo,
Feito para teu berço. Com desprezo
Aos pés o colo esmagas do oceano,
Que mugindo se roja pelas praias.
Mas prostrado e vencido, não vassalo,
O mar soberbo ¹³ às vezes se revolta.
Alçada a frente, a juba desgrenhada,
Se eriça e raiva e ruga e ronca e troa;
E a longa, imensa cauda retorcendo ¹⁴
Te enlaça o corpo no impotente esforço.

Pousa em teus ombros o condor altivo,
Águia-leão dos páramos da América;
O jaguar, rei da selva brasileira,
E o tapir, que dos pés o chão devora,
Teus rafeiros humildes, te farejam
De longe. A seiva pastam de teu sangue
Milhões de raças de animais selvagens.
Vermes, que te pululam nas entranhas,
São negros manatis ¹⁵, focas enormes,
Descomunal aborto da mãe d'água ¹⁶,
E a sucuri, leviatã dos rios.
Resvalam por teu corpo, dele insetos,
Horrendos crocodilos, negras serpes,
Talvez metamorfose monstruosa
Dos grossos troncos de tombadas árvores,
Que os lodos animalam ¹⁷ corrompendo.

¹³ O mar soberbo. Descrição do fenômeno da pororoca. A afirmação faz parte de uma nota de rodapé da edição de 1942. (CCA)

¹⁴ Retorcendo: a palavra “destorcendo”, que consta no original de 1942, é inadequada no século 21. A serpente do mar retorce a cauda para enlaçar o adversário, como vemos no verso que segue. (CCA)

¹⁵ Manatis: peixes-bois. (CCA)

¹⁶ Mãe d'água. É nas lendas populares do Brasil um espírito ou gênio que produz a inundação, e que a imaginação do povo representa na figura de uma moça de prodigiosa formosura com os olhos verdes e as tranças muito longas. (Nota de rodapé da edição de 1942)

¹⁷ Animalam. “Animalar é tornar um animal”, diz uma nota de rodapé da edição de 1942. (CCA)

Aqui, jungido, sob a mão do Eterno,
 Cravado ao chão, monarca no deserto,
 Como Satã domado pelo arcanjo,
 Dormes por todo o século dos séculos.
 Mas quanto és grande mesmo adormecido!
 Ruge o trovão no peito que resfolga;
 Um vulcão turbilhona em teu anélito,
 Se arquejas sobre o leito o céu se turva,
 As nuvens se convolvem na procela;
 Foge a base às montanhas que se abismam,
 Treme a Terra abalada nos seus eixos.
 Dorme, ó gênio das águas! Quando ao sinal ¹⁸
 Terrível do Senhor, tu despertares,
 O mundo voltará de novo ao caos.

III

Eis o deserto! Surge além, ao longe,
 Mar de florestas, sobre o mar dos rios.

Penetrando os umbrais da virgem pátria,
 Minh'alma, repousemos um instante.
 Peregrinos, pisamos nesta terra santa
 E nunca profanada. Aqui na rama
 Desta planta sem nome conhecido,
 Limpemos a poeira das sandálias,
 Que roçaram na lama das cidades,
 E o chão varreram já da praça pública.
 Oh! Não lancemos, não, pó de ruínas,
 Que esbroam da caduca sociedade,
 Nem farpas do esqueleto carcomido
 Do mundo, sobre o viço em que se expande
 Deste solo a robusta mocidade.
 Ignorante e simples, como outrora,
 Quando bebias dos maternos lábios
 O tímido balbucio nas carícias,
 Leite e pólen que a infância te nutriram;
 Virgem, como do nada tu saíste.
 Vem, ó minha alma. A prece purifica.
 Adore ao Criador o teu silêncio.
 Contempla, admira, sente, crê, não penses!
 Vem te engolfar nas auras desta brisa,
 Da harmonia e fragrância, essência e éter
 Imerge o seio nas torrentes d'ouro,

¹⁸ Ao sinal - No original do jornal, “**ao senho**”. Senho é senha, sinal. A Obra Completa erra ao optar por “ao sonho”, o que deixa a frase confusa. Ficamos com o jornal, usando porém uma palavra do vocabulário de uso diário. (CCA)

Sacia-te da luz que a jorros emana,
Beija este solo, nosso antepassado,

Cujo humor nutre ainda a tênue argila
Do corpo que o teu fogo intenso abrasa.
Banha-te no cristal daquelas águas
Que se esfrolam ¹⁹ nas lapas da cascata
Em borbotões de espuma. Este batismo
Vigora e juvenesce a mente enferma.

Joelho em terra! Estamos no deserto.
Grande e imenso deserto, sólio ²⁰ augusto
Da virgem natureza americana;
Leito de amor, no qual o grande rio
Fecunda o ventre desta selva antiga;
Imagem do infinito, monumento
Da primitiva criação do mundo;
Profunda solidão que a majestade
Concebes, e o poder de um Deus unânime;
Vasta amplitude em que a alma se dilata
Além dos horizontes da existência,
A embeber-se na luz da eternidade;
Brasil selvagem, solo agreste e rude,
Que da lázara gente o bafo impuro
Não sentiste a crestar-te a flor do rosto:
Vale, de onde formou-se o grande império,
Quando passou a aluvião dos mares;
Berço de minha pátria; eis-me em teu seio!

000

Leia mais:

- * [“O Maior Escritor do Brasil”](#).
- * [“José de Alencar em Jornal de 1942”](#).
- * [“A Sabedoria Ecológica dos Indígenas”](#).
- * [“A Criação do Mundo”](#) (lenda indígena).
- * [“O Jesuíta”](#) (de José de Alencar).

000

¹⁹ Esfrolam - esfolam. (CCA)

²⁰ Sólio: trono. (CCA)

Novos Itens em Nossos Websites



Este é o informe mensal dos websites associados.[1] Dia 6 de agosto havia 2918 itens em nosso acervo, dos quais 22 estavam em francês, 1345 em português, 1322 em inglês e 226 em espanhol. Havia três textos em italiano.

Os seguintes itens foram publicados entre 02 de julho e 06 de agosto de 2021:

(Títulos mais recentes acima)

1. **The Whole Nature is Conscious** - *Carlos Cardoso Aveline*
2. **José de Alencar em Jornal de 1942** - *Múcio Leão (Ed.)*
3. **O Maior Escritor do Brasil** - *Carlos Cardoso Aveline*
4. **The Nature of an Independent Lodge** - *Carlos Cardoso Aveline*
5. **O Poder Oculto dos Rios** - *Carlos Cardoso Aveline*
6. **The Process of Levitation** - *Helena P. Blavatsky*
7. **O Rio Grande do Sul e a Ecologia** - *Henrique Luiz Roessler* [livro]
8. **O Rio que Navega em Nós** - *Carlos Cardoso Aveline*
9. **Educação Ecológica no Brasil dos Anos 1960** - *Henrique Luiz Roessler*
10. **A Lesson from the Anabaptists** - *Carlos Cardoso Aveline*
11. **Imprevidência de Homens Inteligentes** - *Henrique Luiz Roessler*
12. **Monstrópolis - a Grande Capital** - *Henrique Luiz Roessler*
13. **A Razão do Coração** - *Henrique Luiz Roessler*
14. **Velhas Árvores Mortas Estupidamente** - *Henrique Luiz Roessler*
15. **O Jornalismo e a Verdade** - *Carlos Cardoso Aveline*
16. **The Divine Origin of Humanity** - *Steven H. Levy*
17. **La Lección del Sol en Cáncer** - *Carlos Cardoso Aveline*
18. **O Compromisso Interior** - *Carlos Cardoso Aveline*

19. Um Espetáculo no Rio dos Sinos - *Carlos Cardoso Aveline*
20. The Aquarian Theosophist, July 2021
21. Correspondence With Joy Mills - *Carlos Cardoso Aveline*
22. Ter Dúvidas é Aceitável em Teosofia? - *Carlos Cardoso Aveline*
23. Thoughts Along the Road - 56 - *Carlos Cardoso Aveline*
24. O TEOSOFISTA, Julho de 2021

NOTA:

[1] Os websites associados incluem www.FilosofiaEsoterica.com, www.CarlosCardosoAveline.com, www.HelenaBlavatsky.net, www.TheosophyOnline.com, www.HelenaBlavatsky.org, e www.TheAquarianTheosophist.com.

000

Quem foi Alice Leighton Cleather? - 03 (Conclusão)



John Garrigues, da Loja Unida de Teosofistas, à esquerda, cometeu uma grave injustiça contra Alice Cleather, à direita

Vivendo na Índia e na China desde 1918, Alice Cleather mantinha contato com os poucos teosofistas ocidentais que continuavam leais ao ensinamento autêntico de teosofia.

Helena Blavatsky escreveu nos parágrafos finais de “A Chave da Teosofia” que conforme o movimento teosófico estiver, assim estará o processo civilizatório.

O abandono da ética e do ensinamento original por parte das principais lideranças internacionais do movimento abriu as portas para a decadência social no Ocidente como um todo.

A sombra vencia a luz.

A partir do início dos anos 1920 surgiram líderes autoritários como Adolf Hitler e Benito Mussolini. Começava a preparar-se a grande catástrofe que foi a segunda guerra mundial, de 1939 a 1945. Alice Cleather morre em maio de 1938, às vésperas da guerra.

Em outubro de 1923 e janeiro de 1929, Alice foi atacada injustamente pela Loja Unida de Teosofistas em dois artigos escritos seguramente por John Garrigues, embora anônimos [1]. Mostrando notável intolerância e firme estreiteza mental, Garrigues faz ataques pessoais sem qualquer base contra Alice devido ao fato de que ela indica os erros de William Judge.

O episódio mostra que o ser humano é contraditório e mesmo um excelente teosofista como Garrigues pode cometer erros e injustiças vergonhosos.

Os ataques a Alice Cleather deram lugar à publicação de cartas e artigos em defesa dela. Um livreto estabelecendo justiça em relação a Alice foi publicado pela loja Victoria Independente, do Canadá, em 1923, e hoje está disponível em nossos websites. [2]

Teria sido melhor se Alice Leighton Cleather tivesse permanecido no Ocidente, trabalhando no fortalecimento da tênue linhagem de estudantes cem por cento leais aos Mestres e Helena Blavatsky e igualmente independentes de Annie Besant e William Judge?

É difícil saber.

Talvez a sua permanência na Ásia tenha aumentado o seu prestígio no Ocidente, motivando ainda mais os poucos estudantes que haviam mantido o bom senso.

Por outro lado, se tivesse permanecido em Londres, talvez a presença direta dela no Ocidente tivesse podido fortalecer a formação de alguma organização nos moldes do que a Loja Independente de Teosofistas, fundada em 2016, procura ser.

De um jeito ou de outro, Alice fez o que foi possível.

O seu testemunho, deixado por escrito em vários textos e livros [3], é um dos instrumentos valiosos de que dispõem os teosofistas independentes, que ao olhar para o movimento esotérico preferem permanecer livres de interesses burocráticos ou corporativos. (CCA)

NOTAS:

[1] Examine a revista “Theosophy”, de Los Angeles, EUA, outubro de 1923, p. 536, e janeiro de 1929, p. 101.

[2] Veja o livreto “[Unpublished Letters Defending Alice Cleather](#)”.

